

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICACAO E EXPRESSAO
CURSO DE COMUNICACAO SOCIAL - HABILITACAO JORNALISMO
DISCIPLINA: PROJETOS EXPERIMENTAIS
ORIENTADORA: AGLAIR BERNARDO
ALUNA: LUDMILA SOUZA - 8218322=8

Guerra, uma outra guerra corre a corrida tecnologica. O compu- toda atividade humana: de a- Gustos e arte, dos fins domesticos a educacao. O Brasil-gustite a incorporacao dos sistemas computadorizados em mais uma area de atividades: o jornalismo. A iniciativa da folha de São Paulo, atinge Santa Catarina três anos depois, com a decisão do grupo RBS de implantar o Diário Catarinense e dota-lo da tecnologia de uma das pioneiras da América Latina.

O projeto do Diário Catarinense nasceu em 1984, mas o jornal só se tornou uma realidade em meados de 1985, quando a empresa passou a acelerar seu processo de implantação. A essa altura, já estava ocorrendo a adoção do Composition System, e seus técnicos já visitam dos Estados Unidos para fazer os primeiros ajustes de ordem industrial nas instalações em Florianópolis. Mesmo os leigos não tinham dúvidas de que a empresa investira pesado no projeto: 4 milhões de dólares, segundo fontes da própria RBS.

O jornalista foi escolhido de lá para cá em meados de setembro de 1985. Durante esse período, ele participou de um curso de sete meses, um constante aprendizado por parte dos jornalistas e técnicos da área industrial. Muito se falou sobre o Diário e a RBS. O que ainda não se explicou foi como todo este processo modificou a atividade dos jornalistas, que agora passam a não mais utilizar a máquina de escrever e outros instrumentos convencionais da redação.

FLORIANOPOLIS, DEZEMBRO DE 1986

Desde o fim da Segunda Guerra, uma outra guerra corre paralela à corrida armamentista: a corrida tecnológica. O computador incorporou-se a praticamente toda atividade humana: da indústria à arte, dos fins domésticos à educação. O Brasil assiste à incorporação dos sistemas computadorizados em mais uma área de atividade: o jornalismo. A iniciativa da Folha de São Paulo, atinge Santa Catarina três anos depois, com a decisão do grupo RBS em implantar o Diário Catarinense e dotá-lo da tecnologia dita mais avançada da América Latina.

O projeto do Diário Catarinense nasceu em 1984, mas o jornal só se tornou uma realidade em meados de 1985, quando a empresa passou a acelerar seu processo de implantação. A esta altura, já estava acertada a adoção do Compositions Systems, e seus técnicos já vinham dos Estados Unidos para fazer os primeiros acertos de ordem industrial nas instalações, em Florianópolis. Mesmo os leigos não tinham dúvidas de que a empresa investira pesado no projeto: 4 milhões de dólares, segundo fontes da própria RBS.

O processo foi acelerado de tal forma que em menos de sete meses havia todo um esquema pronto para começar o que, durante quase cinco meses, um constante aprendizado por parte dos jornalistas e técnicos da área industrial. Muito já se falou sobre o Diário e a RBS. O que ainda não se explicou foi como todo este processo modificou a atividade dos jornalistas, que agora passam a não mais utilizar a máquina de escrever e outros instrumentos convencionais da redação.

Segundo ele, este processo mudou a idéia de que o empresário da área jornalística deveria adquirir o melhor equipamento para oferecer a seus empregados, que a empresa busca e a economia de tempo e custos é conseguida através da supressão de algumas das etapas da forma tradicional de se fazer jornal.

Com este ponto, temos a primeira grande diferença entre as redações tradicionais e as automatizadas: as etapas que desapareceram. No Diário Catarinense e em outros jornais com sistemas computadorizados, dois profissionais são os tipos básicos: o redator e o compositor. Ora (diriam alguns), estes trabalhadores estão mais próximos da área industrial. Por que esta expressão apontou este fato? Porque as coisas não são tão separadas como podem parecer. Além das consequências deste fato para o modo de trabalho, a eliminação destas etapas industriais significa uma sobrecarga na área editorial. Acontece agora uma mudança no eixo da estrutura da empresa e da redação. O ambiente de trabalho tradicional e centrado na coleta, produção e edição de informação. Já nos jornais automatizados, a área industrial (mesmo englobando a tecnologia) possui maior peso e maior proximidade com a redação, que passa a depender muito mais desta área.

CONTROLE

Para o profissional que trabalha na coleta e redação dos dados, há a maior possibilidade de interferência em seu trabalho. Não se argumenta de controlar a qualidade, ou mesmo de censura, mas os usuários hierarquicamente superiores agilizam

MÁQUINA DE ESCREVER BRUTALMENTE ASSASSINADA

"A Delegacia de Homicídios de Florianópolis já descobriu o verdadeiro assassino da máquina de escrever. Uma equipe especializada está mobilizada para capturar Compositions Systems da Silva, um terminal recém-nascido de alta periculosidade que fugiu de uma indústria norte-americana na semana passada. Segundo informações da Secretaria de Segurança Pública, o homicida pode estar escondido dentro do Diário Catarinense."

Este texto, escrito pelo ex-coordenador da editoria de polícia do DC, Milton Rauber - atualmente repórter do Diário do Sul - é um dos indicativos mais espontâneos da reação dos jornalistas ao primeiro contato com o terminal de vídeo. Este texto continua arquivado na memória do computador utilizado pelo Diário desde o dia 18 de dezembro do ano passado. Quase um ano depois, não se pode dizer que essas manifestações tenham terminado. Mas também não se pode dizer que tenha havido uma mera substituição dos instrumentos convencionais de redação pelos automatizados.

A automatização das redações apenas acompanha um processo de modernização e racionalização da produção de jornal, fazendo com que sejam poupados tempo e dinheiro. Isto não é uma opinião, mas um fato, exposto pelo repórter especial de economia do Diário Catarinense, Mário Xavier Antunes de Oliveira. Segundo ele, este fato desmistifica a idéia de que o empresário da área jornalística esteja buscando o melhor equipamento para oferecer a seus empregados. O que a empresa busca é a economia de tempo e dinheiro, conseguida através da supressão de algumas das etapas da forma tradicional de se fazer jornal.

Neste ponto, temos a primeira grande diferença entre as redações tradicionais e as automatizadas: as etapas que desapareceram. No Diário Catarinense e em outros jornais com sistemas computadorizados, dois profissionais não existem mais: revisores e compositores. Ora (diriam alguns), estes trabalhadores estão mais próximos da área industrial. Por que esta reportagem apontou este fato? Porque as coisas não são tão separadas como podem parecer. Além das consequências deste fato para o mercado de trabalho, a eliminação destas etapas industriais significa uma sobrecarga na área editorial. Acontece agora uma mudança no eixo da estrutura da empresa e da redação. O ambiente da redação tradicional e centrado na coleta, produção e edição da informação. Já nos jornais automatizados, a área industrial (aqui englobando a tecnologia) possui maior peso e maior proximidade com a redação, que passa a depender muito mais desta área.

CONTROLE

Para o profissional que trabalha na coleta e redação dos dados, nota-se maior possibilidade de interferência em seu trabalho. Sob o argumento de controlar a qualidade - ou mesmo de censura -, os usuários hierarquicamente superiores aquele

profissional têm plenas condições de olhar, modificar, amputar ou mesmo eliminar a matéria. Mário Xavier aponta: "Nunca o trabalho na redação esteve tão acessível a controle rápido e objetivo, em muitos níveis". E ele tem razão. Ao recuperar uma matéria no terminal, seja sua ou de outra pessoa, Mário sabe quem fez o material, quantas pessoas mexeram, em que horário, quem tirou cópias impressas, quem eliminou e onde esteve arquivada, por exemplo. O trabalho do jornalista está muito mais disponível, em acesso automático e instantâneo.

Não só por causa do acesso, mas por todo o sistema, Mário nota que a relação entre as pessoas ficou limitada por uma instância técnica. "Numa redação tradicional, cada um tinha seu cargo, sua tarefa, seus limites. Parece-me que com a redação automatizada estes limites estão bem mais claros", alerta. Ele reconhece que informalmente pode-se ultrapassar esses limites - burlar o sistema.

Toda a mistificação da automação na atividade jornalística não passou despercebida a Mário Xavier: "O baixamento, por exemplo, leva o mesmo tempo ou até mais para ser concluído. A economia de tempo e dinheiro está realmente na etapa industrial". Ele explica o mito da automação ter chegado ao jornal como parte de uma estratégia de marketing, dentro do mercado de anunciantes e consumidores de informação.

Dentre as pequenas coisas que começou a notar de diferente no dia-a-dia da redação, Mário destaca uma tendência à experimentação, ao teste. "Tudo parece estar sendo monitorado. Os técnicos vêm para ver como o sistema reage e, de um certo modo, creio que a empresa também observava a reação dos profissionais". Mário diz que detectou esta tendência ao ouvir, durante os seminários da época da implantação, quais os padrões que a empresa utilizava no novo veículo: vinham de fora, de outros países e realidades. Além disso, ficava descartada, na redação, qualquer possibilidade de utilização de um sistema tradicional. Para ele, a mais clara monitoração dos profissionais estava no fato de que o departamento de recursos humanos destacara uma psicóloga para acompanhar a adaptação dos jornalistas ao sistema. "Era como se fosse uma monitoração para que não houvesse nenhum prejuízo no produto devido a resistência, qualquer que fosse", revela.

Diante disso, Mário enfatiza que o profissional está exposto a uma duplo risco: a experimentação e a remuneração aviltante. "A valorização profissional não se deu sobre o salário, contrariando parâmetros de mercado e infringindo leis. Vemos uma tecnologia de quarta geração convivendo com infrações de piso salarial e carga horária", indigna-se.

Mas as coisas não acontecem à toa, diz ele. A situação do profissional do Diário Catarinense, segundo Mário, tem tudo a ver com a organização da categoria. "A implantação do sistema encontrou a categoria incapaz de acompanhar, criticar e responder a essas mudanças. Está imatura, desorganizada, e desinformada", denuncia, para sugerir que os jornalistas façam uma autocrítica e avaliem o avanço de sua consciência de classe.

Suas sugestões não param por aí. Mário Xavier é bem claro ao dizer que é necessária uma reflexão dos sindicatos de jornalistas, das redações e dos cursos de jornalismo -

especialmente agora, com a ameaça de extinção do diploma, e com ele, toda a massa crítica de profissionais que saem da universidade. "Mais do que nunca, a distância entre meio acadêmico, mercado de trabalho e estrutura sindical deve ser diluída, para que esta análise seja feita"; conclama. E ele tem razão em fazer esta convocação: a capacidade de avanço tecnológico e industrial é, a cada dia, infinitamente mais veloz que a capacidade dos cursos e sindicatos em avançar nas discussões...

MUITA TENSÃO

Todos os jornalistas são unânimes em constatar que numa redação automatizada exige-se um grau de concentração muito maior no trabalho, o que gera tensão nos profissionais. Elaine Borges, correspondente do Estado de São Paulo, expõe os efeitos danosos desta situação: "A profissão já é tensa: horário de baixamento, coleta de informações, etc. Ao chegar junto de um terminal, num primeiro momento, o profissional se sente intimidado. Ele duplica sua atenção, preocupado em não apertar um botão errado, e perder sua matéria, que tem que estar muito bem feita, pois não há copy e seu texto tem que ser quase final. Com isso, ele tem dificuldade em criar seu material". Apesar de toda essa tensão, ela não acredita que a qualidade do jornal saia prejudicada: "O que acontece é que os erros do jornal ficam mais gritantes, pois não há quem os corrija".

E neste aspecto que Elaine detecta uma das mais crassas falhas de planejamento do projeto do Diário Catarinense: "Previas-se inicialmente que os repórteres teriam texto final, profissionais de mais alta qualidade. Acontece que, por motivos diversos, até por salários, 80 % do corpo da redação é composto de focas, alguns sem nunca ter tido outra experiência de jornal. O planejamento esbarrou nas condições humanas".

Uma outra falha, para ela, é a falta de previsão de arquivos editoriais. Trabalhando em política há mais de quinze anos, Elaine sente falta de uma recuperação de dados mais rápida sobre políticos, partidos, projetos do Legislativo, etc. "A máquina não me dá essas informações. Os discos de memória estão lotados. O planejamento não previu essa possibilidade", revela.

Confessando-se "amante de sua Olivetti", ela lamenta que alguns dos profissionais do Diário não tenham tido outra experiência de redação. "Eu me sinto mais segura na outra. A do Diário me parece mais fria, mais desumana. Não há entusiasmo, são pessoas neurotizadas atrás daquelas maquininhas, falta descontração". Elaine lamenta que não haja outra experiência para poder fazer uma comparação: "Existe a Folha, mas ela fica longe e distante da nossa realidade. Aqui só existe o Diário. É uma experiência escassa, não há como comparar".

Um dos poucos jornalistas que não notou mudanças significativas na troca da máquina de escrever pelo terminal de vídeo foi o repórter sênior da Folha de São Paulo, Clóvis Rossi, autor de dois livros sobre jornalismo. "Quando bato meu texto no terminal, noto que ele sai mais limpo e mais rápido", e tudo que reconhece. Rossi não notou nenhum avanço de qualidade, nem do ponto de vista industrial. "E para a redação muito menos, pois não se fecha o jornal mais tarde, mesmo com a economia de tempo nas outras etapas do processo", ressalta. Ele reconhece apenas

que a mudança significou uma redução de custos, para a empresa.

OS QUE VIRÃO

Mas nem só de jornalistas profissionais vive este mercado que agora dá suas primeiras engatinhadas na era da informática. Luciano Faria, aluno da quarta fase e presidente do Centro Acadêmico de Jornalismo, aponta suas expectativas em relação a esse novo mercado: "O curso não vai me dar formação para enfrentá-lo". Mas ele deposita esperanças quanto à contratação de novo professor para as disciplinas de Introdução à Informática e Videotexto: "É preciso abrir o debate. Este é o papel da universidade: mostrar o significado e o aspecto social das novas tecnologias".

Mesmo dotado de poucas informações, o presidente do C.A. de Jornalismo aponta vantagens na adoção do processo, como a utilização do recurso do banco de dados. A maior desvantagem que vê é a quebra da relação humana, além da distância entre o repórter e sua matéria - o produto de seu trabalho. "O ideal seria conciliar as potencialidades da tecnologia com a humanização da redação", diz ele. Um dos perigos que Luciano aponta é a maior possibilidade de controle sobre o profissional, o que ele considera um facilitador da censura dentro do jornal.

Segundo Luciano, no último Encontro Nacional dos Estudantes de Comunicação (Enecom), realizado em julho, foi aprovada uma moção de apoio aos jornalistas que não se adaptaram às inovações. Segundo o documento, estes profissionais teriam assegurado o direito de bater suas matérias nas máquinas de escrever convencionais e depois seriam digitadas para o terminal de vídeo.

O que se constata entre os alunos é a predominância de meias-informações e pouca idéia do que estão falando. Mesmo entre os formandos, a expectativa quanto à adoção de novas tecnologias na redação está baseada na idéia de uma maior agilidade na recuperação de informações através de um banco de dados. Isto não existe ainda. De acordo com o jornalista responsável pela implantação do sistema utilizado pelo Diário Catarinense, Olyr Zavaschi, os sistemas elaborados para a área de jornalismo existentes no Brasil não incluem a integração do banco de dados ao sistema editorial.

Em conversas informais com os formandos, ficou patente, em primeiro lugar, a descrença de que o curso possa dar uma formação efetiva e adequada a quem pretenda atuar na área do jornalismo eletrônico. Uma das alunas que irá se formar este ano, Glória Martins, ressalta que esse campo requer profissionais mais experimentados, e argumenta: "Um formando não tem nem o conhecimento de uma redação tradicional. Que dizer da automatizada?"

CURSO E SINDICATO

Uma das esperanças de Luciano teve um alento mais concreto do chefe de Departamento do curso de Jornalismo, Francisco Karam. Segundo o professor, será feito um concurso público para a escolha do professor que ministrará as disciplinas de Introdução à Informática e Videotexto, embora os critérios a serem apresentados pelos candidatos ainda estejam em discussão. Ainda está sendo discutido, internamente, se este professor virá dos

quadros do Departamento de Jornalismo ou do Departamento de Computação. "É consenso que a disciplina deva ser ministrada por uma pessoa com conhecimento em comunicação," anuncia, acrescentando que a cadeira deverá estar voltada para estudos e debates sobre o assunto. Pessoalmente, Karam acredita que o professor deva ser do departamento que chefia.

O estudo e debate aos quais Karam se refere dizem respeito a "uma reflexão política sobre o tema, para discutir a função política da informática na sociedade". Neste ponto, vê o papel da universidade como fundamental para promover a crítica, reunindo a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), sindicatos, engenheiros, outros técnicos e até políticos. "Esse debate não existe na profissão. Os profissionais que atuam dentro da redação automatizada não estão discutindo essa nova maneira de atuar".

Militante do Movimento de Oposição Sindical (MOS), Karam reconhece que esta instância tampouco discute a situação por estar envolvida em questões mais imediatas, como o cumprimento dos acordos da categoria. "Tudo ainda está por ser feito dentro do sindicato. O MOS tem encampado e assumido essas funções do sindicato, que se mostra inoperante. As próprias divergências não são debatidas, mas sim tratadas, como afrontas", queixa-se e desabafa: "O grau de politização é muito baixo".

Reconhecendo-se como pouco informado sobre o assunto, Karam avalia que a relação de dominação não mudou com a automatização da redação, e sim, seu grau. "Parece-me muito mais fácil exercer controle sobre o trabalho do profissional quando a redação se automatiza", arrisca. E não está longe da realidade. Contudo, tudo indica que essa realidade só será descoberta plenamente no momento em que todos os setores, diretamente envolvidos tomarem consciência de que os fatos estão se desenrolando sem que haja uma resposta analítica e efetiva das instâncias que deveriam encampar a crítica do processo - que hoje se assemelha muito a uma bola de neve. E, se a neve continuar a se acumular, bastará um único floco microscópico para provocar uma avalanche.

Quando se fala em índice de referência, geralmente se refere ao índice de editoria. Materiais correlatos geralmente possuem referências cruzadas. Deste modo, teríamos "CHEIASBLUM", "CHEIASI", "MOS" e "AMIN" etc.

A matéria, ou retranca, precisa ser aberta através de um vocabulário disposto numa tecla específica. Na matéria, existe um vocabulário com dados primordiais sobre o texto: autor, horário de entrega, número de versões de matéria - quantas vezes foi mudada - e assim por diante. Além disso, também estão no cabeçalho os comandos para requerer composição, eliminação, memorização ou cópias impressas da matéria.

Existem vários níveis através dos quais as editorias funcionam. O nível 1 funciona como índice referencial de matérias, pautas e material de consulta, em geral. É uma espécie de grande arquivo de toda a editoria. O nível 2 funciona exclusivamente para o material que entra, através do telex, das agências de notícias, para a editoria específica. O nível 3 é para onde o repórter escreve e de onde o redator puxa a matéria para efetuar o copy-deck. O nível 4 é o nível de balanceio, e onde o editor titula a matéria e onde o diagramador põe os

comandos que serão enviados à montagem.

Além deste acesso, o usuário também dispõe de outros privilégios, como o envio e recepção de mensagens, contabilizadas para um grupo específico. COMO DOMAR O BICHO ou dois usuários somente em três usuários indiscriminadamente, que estão ligados

Para se entender como funciona a automatização da redação, é preciso ter alguns conceitos muito claros. Um conceito é o do sistema em si. A palavra sistema está consagrada em computação como sendo um conjunto de funções concorrentes para um fim comum. Adaptando esta concepção ao processo utilizado pelo jornalismo automatizado, diríamos que este fim comum é fazer o jornal e o sistema tem todas as suas funções independentes, canalizadas para alcançar este fim comum. Outro conceito básico é do usuário, que é todo aquele que tem condições de penetrar no sistema e dele fazer uso, quando estiver on-line, ou seja, ligado.

A primeira providência que o usuário precisa tomar para atuar no sistema é ter uma identificação com ele, ou seja, ser reconhecido pelo sistema. Para tal, deverá ter um código de identificação, mais conhecido como ID. O ID é composto de três letras e três números. Se o usuário fizer parte da área da redação, será conhecido pelas letras. Se fizer parte da área comercial, será conhecido pelos números.

Através do ID, o sistema toma conhecimento de quem é o usuário, qual seu cargo, sua função e seus privilégios dentro do sistema. O usuário da área da redação deverá ter acesso a índices editoriais, que funcionam como cadastros das matérias. A palavra editoria toma, para o sistema, uma concepção diferente da que tem no jornalismo usual. A editoria é uma gaveta, um arquivo de matérias, que passam a ter o nome de retrancas, numa concepção diferente da aprendida pelos jornalistas. A retranca é um nome pelo qual a matéria é conhecida no sistema. Assim, uma matéria sobre enchentes poderá ter a retranca "CHEIAS", e aparecerá com este nome quando for memorizada e passar a fazer parte do índice da editoria. Matérias correlatas geralmente possuem retrancas parecidas. Deste modo, teríamos "CHEIASBLUM", "CHEIAS1", "CHEIAS.AMIN" etc.

A matéria, ou retranca, precisa ser aberta através de um formulário disposto numa tecla específica. Na matéria, existe um cabeçalho com dados primordiais sobre o texto: autor, horário de entrada, número de versões da matéria - quantas vezes foi mudada - página em que vai, para qual editoria vai e de qual editoria veio. Além disso, também estão no cabeçalho os comandos para requerer composição, eliminação, memorização ou cópias impressas da matéria.

Existem vários níveis através dos quais as editorias funcionam. O nível 1 funciona como índice referencial de matérias, pautas e material de consulta, em geral. É uma espécie de grande arquivo de toda a editoria. O nível 2 funciona exclusivamente para o material que entra; através do telex, das agências de notícias, para a editoria específica. O nível 3 é para onde o repórter escreve e de onde o redator puxa a matéria para efetuar o copy-desk. O nível 4 é o nível de baixamento: é onde o editor titula a matéria e onde o diagramador põe os

comandos que serão enviados à montagem.

Além deste acesso, o usuário também dispõe de outros privilégios, como o envio e recepção de mensagens, contabilizadas para um grupo específico de usuários, um ou dois usuários somente ou todos os usuários, indiscriminadamente, que estejam ligados ao sistema, inclusive os de outras sedes. O usuário dispõe ainda das facilidades de arquivos pessoais, universais ou programáveis, que recuperam comandos utilizados com frequência.

Todos estes recursos, que estão à disposição de um repórter que trabalhe no Diário Catarinense - até onde se sabe - não podem ser utilizados por um repórter que atue na Folha de São Paulo, visto que a automatização no jornal paulista começa com os digitadores, e os repórteres não têm acesso ao terminal.

Além disso, que entraram em contato com os terminais utilizados pelo Diário Catarinense, algumas pessoas sentem os olhos cansados e irritados, além de uma dor de cabeça mais grave, quase crônica, a cefaléia, um sintoma apresentado por todos, sem exceção. Mas nada comprova que os terminais fazem mal aos olhos dos jornalistas, que ficam expostos a eles por um tempo relativamente menor do que os digitadores.

Um uso que se tem até agora são indícios. O especialista da Associação Brasileira de Oftalmologia, Ailton Barbosa, compara o terminal à televisão: "Como eles têm os mesmos princípios, poderá-se dizer que uma pessoa sujeita a ficar muitas horas em frente a um destes terminais pode sentir os mesmos efeitos que uma pessoa que fica muito tempo em frente a uma televisão". Até eu mesmo, autor desta reportagem e sub-editora de conteúdo de G, tive de usar Barbosa o diagnóstico de hipertensão arterial após as regiões dos olhos. Mas não foi além disso.

Naio Xavier, repórter especial de economia do DC, aponta para a área de recursos humanos possui atendimento médico em diversas áreas - mas oftalmologia não é uma delas: "A empresa não possui este cuidado. O profissional é tratado da forma mais retrógrada, ao lado de tecnologia de última geração", acrescenta: "Apesar do avanço tecnológico, há uma postura inconsistente do ponto de vista dos recursos humanos".

SAÚDE PREOCUPA OS PROFISSIONAIS

Pouca coisa ainda se sabe sobre as implicações do uso do terminal de vídeo na saúde do jornalista. Em novembro deste ano, o Inamps reconheceu a tenossinovite como uma doença profissional - dos digitadores. Essa categoria é formada por pessoas que digitam em terminais de dez a doze horas por dia, quando têm dois empregos. A doença se caracteriza por uma artrite acentuada e nódulos nas mãos, além de dor. Dos cerca de 30 mil digitadores existentes no Brasil, calcula-se que 50% deles já foram atingidos pela tenossinovite.

Assim que entraram em contato com os terminais utilizados pelo Diário Catarinense, algumas pessoas sentiam os olhos cansados e irritados, além de uma dor de cabeça mais grave, quase crônica: a cefaleia, um sintoma apresentado por todos, sem exceção. Mas nada comprova que os terminais fazem mal aos olhos dos jornalistas, que ficam expostos a eles por um tempo infinitamente menor do que os digitadores.

Tudo que se tem até agora são indícios. O especialista da Associação Brasileira de Oftalmologia, Ailton Barbosa, compara o terminal à televisão: "Como eles têm os mesmos princípios, pode-se dizer que uma pessoa sujeita a ficar muitas horas em frente a um destes terminais pode sentir os mesmos males que uma pessoa que fica muito tempo em frente a uma televisão". Até eu mesma, autora desta reportagem e sub-editora de política do DC, tive do dr. Barbosa o diagnóstico de hipertensão arterial amena na região dos olhos. Mas não foi além disso.

Mário Xavier, repórter especial de economia do DC, aponta que a área de recursos humanos possui atendimento médico em diversas áreas - mas oftalmologia não é uma delas. "A empresa não possui este cuidado. O profissional é tratado da forma mais retrógrada ao lado da tecnologia de última geração", acrescentado: "Apesar do avanço tecnológico, há uma postura inconsistente do ponto de vista dos recursos humanos".

Diya aponta para uma das principais vantagens deste sistema: "O jornalista não precisa ter nenhuma qualificação específica para mexer nele. Quero dizer, ele não precisa saber nada de computação, Copol, Fortran, etc. Basta saber as comandos para operar no terminal".

Em seu paper "O computador na redação", Zavaschi aponta que a adaptação do jornalista é instantânea e que o uso de novas tecnologias não se traduz num acréscimo do número de erros dentro do jornal - e cita a pesquisa "VDT versus Pencil", realizada pela Escola de Jornalismo de Columbia, no Missouri, em 1976. Já o secretário de redação da Folha de São Paulo, João Lillo Costa, aponta que, nos primeiros meses da implantação do novo sistema, os erros do jornal - que eram de vinte por edição - chegaram a 148. Mas este número ficou reduzido a uma média que varia entre 30 e 48 por edição - um índice internacionalmente aceitável, segundo Zavaschi.

ESTUDO CUIDADOSO ANTES DA IMPLANTAÇÃO

O Diário Catarinense, segundo seu editor-chefe, Armando Burd, partiu da elaboração de um projeto de jornal. Para a redação, a busca de subsídios para este trabalho incluiu uma pesquisa sobre os jornais já existentes e critérios para definir o novo veículo, através de dois caminhos: um foi a entrevista com líderes políticos, religiosos, empresariais, estudantes, professores e outros representantes da comunidade, em vários pontos do Estado. O outro foi a aplicação de uma pesquisa com quase três mil entrevistas, pelo Departamento de Pesquisas, da RBS, em seis cidades-chave: Florianópolis; Blumenau, Criciúma, Joinville, Lages e Chapeco. Mais um trabalho de campo foi feito, e o projeto finalmente alcançou uma versão definitiva.

Definiu-se o novo jornal com características de abrangência estadual, formato tablóide, novo projeto gráfico, textos curtos e uso da cor. Para a implantação desta nova estrutura, Burd e a empresa enfrentaram o que ele chamou de um dos inúmeros desafios: a formação de um corpo de redação num estado cuja tradição jornalística sempre esteve vinculada a interesses político-partidários. Após o recrutamento, foi feito um programa de treinamento de textos através de seminários e cursos de Português, além das 44 edições-piloto.

A estrutura do jornal foi definida através da estruturação das sedes, que funcionariam nas mesmas cidades-chave onde foi efetuada a pesquisa. A Central de Operações ficou baseada em Florianópolis, local onde também funciona a coordenação de produção, uma espécie de super-estrutura produtora de pautas para todas as sedes.

VANTAGENS E PORQUÊS

A visão da empresa a respeito da adoção de novas tecnologias no Diário Catarinense é dada por Olyr Zavaschi, jornalista enviado pela RBS para decidir qual o melhor sistema a ser implantado pela empresa. Atualmente ajudando a implantação do sistema na Zero Hora - que deverá começar a funcionar em março de 1987 -, Olyr aponta para uma das principais vantagens deste sistema: "O jornalista não precisa ter nenhuma qualificação específica para mexer nele. Quero dizer, ele não precisa saber nada de computação, Cobol; Fortran, etc. Basta saber os comandos para operar no terminal".

Em seu paper "O computador na redação", Zavaschi aponta que a adaptação do jornalista é instantânea e que o uso de novas tecnologias não se traduz num acréscimo do número de erros dentro do jornal - e cita a pesquisa "VDT versus Pencil", realizada pela Escola de Jornalismo de Columbia, no Missouri, em 1978. Já o secretário de redação da Folha de São Paulo, Caio Túlio Costa, aponta que, nos primeiros meses da implantação do novo sistema, os erros do jornal - que eram de vinte por edição - chegaram a 140. Mas este número ficou reduzido a uma média que varia entre 30 e 40 por edição - um índice internacionalmente aceitável, segundo Zavaschi.

Além das vantagens óbvias de eliminação de etapas intermediárias do processo, Olyr Zavaschi argumenta que o trabalho de diagramação é enormemente facilitado, pois as estimativas de tamanho que o terminal fornece estão no padrão da coluna de 9 paucas utilizada no jornal. "Os cálculos de diagramação são precisos e automáticos, dispensando as famosas tabelas", ressalta.

A inquietante questão do controle das matérias, traduzida no sistema como o acesso a que cada usuário tem direito, é comparada por Zavaschi às gavetas chaveadas de uma redação tradicional. "Dentro das gavetas fica todo o material restrito ao pessoal mais graduado. Se algum deles permitir o acesso de um outro menos graduado, ele lhe dá sua chave - no sistema, essa chave é o ID e a senha", esclarece.

Para o futuro - que, em se tratando de tecnologias de ponta, é sempre mais próximo do que se imagina -, Zavaschi alerta para a integração de sistemas de edição e composição a bancos de dados. "Os arquivos fotográficos da Zero Hora e Diário Catarinense já se utilizam de bancos de dados para recuperar informações. Mas esta facilidade ainda não chegou à parte editorial", explica, acrescentando que isto não deve demorar a acontecer.

Para servir de exemplo de como o controle funciona no terminal, frente à praça: "Xou cover go*X-envia e volta já". Na verdade, o X -envia já tem esta conjugação:

- Presso "abreviar" ou E.T.I.
Nelas utilizadas, mas ainda assim entendida, é o "controle/limpa", que pode dizer algo como "esquema, passe uma borracha, apague". Ao inserir a tecla controle junto com a que diz limpa, as letras somem de tela - daí o apelido. Os sinais de peças publicitárias viram na boca dos habitantes do mundo do DC. Aqui não se "troca a tela" para mudar de assunto. Troca-se "a tela", já que o terminal dispõe de uma tela com dupl-face.

Não mesmo os lugares ocupados pelos profissionais escanem dos apêndices e girias. Um exemplo claro é o dos diagramadores, que não possuem uma sala fixa, como outras editorias: sub-editor-chefe, arte, política, etc. Portanto, eles ficam na sala, onde estão trabalhando, na editoria onde vão diagramar as páginas. Viraram "diagramáveis". Os digitadores também foram vítimas das girias. Foram elevados ao mesmo patamar que os gerentes executivos ou, para abreviar, os "gerax". Portanto, os testalhadores de t.l. viraram "digitres".

Não deixa de ser uma demonstração de bom humor. As manifestações de criatividade - quase gozação - são as mais espontâneas, e acontecem em qualquer redação de jornal. Porém, é inegável que fica ainda mais difícil de se decifrar estes novos códigos criados dentro da redação automatizada. É a dificuldade criada pelo mesmo motivo que fez com que o homem não mais utilize as tábuas de Pitágoras para fazer cálculos - a tecnologia.

E.T.s E DIGITREX: A NOVA FAUNA DO DC

As mudanças parecem impregnar todo o ar do Diário. Com os terminais, os profissionais aparentemente trabalham num clima mais tenso, talvez mais neurotizante por causa do ambiente fechado e fragmentado dos pequenos cubículos dispostos em frente a rampa espiral. O bom humor pode não imperar, mas a criatividade tem seu espaço garantido junto aos jornalistas.

Até as manifestações criativas tendem a ter alguma conexão - ainda que frágil - com o novo instrumento de trabalho: o terminal de vídeo, já apelidado de E.T., por causa da cor verde das letras dispostas na tela. A linguagem sofreu alterações, criaram-se novos símbolos e novas gírias.

Quem pensa em digitar um E.T. pode ir para outro lugar, menos o Diário Catarinense. Estranhamente, repórteres e digitadores "testavilham" nas maquininhas chamadas de E.T.s.

Uma das campeãs destas novas gírias é o X - envia. O comando da letra x, quando enviada a memória da central de processamento, deixa o terminal livre para outro usuário utilizá-lo. Também serve para comer um sanduíche prensado no trailler em frente a praia: "Vou comer um X-envia e volto já". Na verdade, o X -envia já tem até conjugação:

- Posso "xisenviar" seu E.T.?

Menos utilizada, mas ainda assim entendida, é o "controle/limpa", que quer dizer algo como "esqueça, passe uma borracha, apague". Ao apertar a tecla controle junto com a que diz limpa, as letras somem da tela - daí o neologismo. Os slogans de peças publicitárias caíam na boca dos habitantes do mundo do DC. Aqui não se "troca o tênis" para mudar de assunto. Troca-se "a tela", já que o terminal dispõe de uma tela com dupla face.

Nem mesmo os cargos ocupados pelos profissionais escapam dos apelidos e gírias. Um exemplo claro é o dos diagramadores, que não possuem uma sala fixa, como outras editorias: sub-editor-chefe, arte, política, etc. Portanto, eles ficam na sala onde estão trabalhando, na editoria onde vão diagramar as páginas. Viraram "diagramáveis". Os digitadores também foram vítimas das gírias. Foram elevados ao mesmo patamar que os gerentes executivos, ou, para abreviar, os "gerex". Portanto, os testavilhadores de E.T.s viraram "digitrex".

Não deixa de ser uma demonstração de bom humor. As manifestações de criatividade - quase gozação - são as mais espontâneas, e acontecem em qualquer redação de jornal. Porém, é inegável que fica ainda mais difícil de se decifrar estes novos códigos criados dentro da redação automatizada. E a dificuldade é criada pelo mesmo motivo que fez com que o homem não mais utilize as tábuas de Pitágoras para fazer cálculos - a tecnologia.

entrevista muito mais profissionais do Diário. Até mesmo pelas circunstâncias de atividades - do que os de outras redações.

A escassa bibliografia no País e os recursos que não dispunha me obrigaram a alterar ligeiramente a ordem de trabalho. O jeito foi centrar estruturalmente o projeto em torno

RELATÓRIO FINAL DE PROJETO

Devo confessar, neste relatório, que errei o preenchimento do plano deste projeto. Não foi começado em dezembro de 85, mas um mês antes. Ainda que timidamente - reconheço -, este projeto foi iniciado quando as máquinas começaram a se implantar no Diário Catarinense e eu, martelando uma máquina de escrever num outro jornal, imaginava se tocaria esta grande reportagem caso não viesse a trabalhar no Diário. Desde aquela época, já começava a recolher informações sobre o novo jornal e até tive uma entrevista (embora fosse inicialmente com fins empregatícios) com aquele que viria a ser o editor-chefe do jornal, Armando Burd. O papo se estendeu e eu comecei a ter uma idéia do que a RBS estava implantando em Santa Catarina.

Com a contratação, o acesso à informação ficou enormemente facilitado. Eu recolhia de tudo: folhetos promocionais, comunicados internos, manuais de utilização do terminal, manuais de redação e jornais de distribuição interna da empresa - house-organs. Quando o jornal foi lançado, eu já possuía entrevistas com o pessoal da redação em considerável número.

Neste ponto, devo ressaltar que a técnica predominante das entrevistas foi a informal. Sendo clara: eu falava com os colegas nos corredores, nas ruas, nos bares, sem que soubessem que estavam sendo entrevistados. Além da espontaneidade que esses papos criavam, eram bastante ricos. Não creio que as poucas entrevistas formais tenham rendido tanto quanto estas conversas. Talvez isso sirva para entender a razão de estarem sendo citadas tão poucas pessoas, em relação às dezenas de entrevistados.

Mais do que uma reportagem, este projeto é uma experiência vivida. Fico me perguntando se teria conseguido realizá-lo desta maneira se não estivesse trabalhando no jornal, conhecendo as fontes certas e, principalmente, vivendo todo meu objeto de estudo. Quero dizer, eu mesma poderia ter sido uma de minhas entrevistadas. Identificava-me com eles: em alguns momentos até pensávamos juntos. Esta integração resultou num trabalho que considero rico, mas que teve, pessoalmente, como grande mérito, dar um impulso inacreditável à minha capacitação profissional, da maneira mais ampla possível.

Minha meta de partida também sofreu modificações, à medida em que as opções se fechavam. A idéia inicial de fazer um gigantesco levantamento teórico para depois se partir para as entrevistas, tive que optar por continuar o trabalho que já vinha desenvolvendo com as entrevistas e concentrar ainda mais minhas atenções no objeto central de meu estudo: o profissional frente à redação automatizada. Posso até dizer que, numericamente, entrevistei muito mais profissionais do Diário - até mesmo pelas circunstâncias de atividades - do que os de outras redações.

A escassa bibliografia no País e os recursos de que dispunha me obrigaram a alterar ligeiramente minha estratégia de trabalho. O jeito foi centrar estruturalmente o projeto em torno

dos depoimentos obtidos. Essa mudança me levou a outra observação. As entrevistas, formais ou não (conforme está explicado), com a equipe do Diário, rendiam qualitativamente muito mais do que as com outros profissionais, professores, sindicalistas, etc. A conclusão a que cheguei para explicar esse fato não foi difícil: ao falar com os profissionais do Diário, havia um entendimento instantâneo. Falávamos das mesmas concepções, tínhamos a mesma linguagem.

Esta situação me levou a considerar seriamente a inclusão de um box em meu trabalho. Via claramente a necessidade de uma instância didática, que fosse capaz de equiparar níveis cognitivos. Nessa tentativa de igualar níveis de conhecimento, fui obrigada a recorrer a analistas da área de informática, que me auxiliaram em pequenos aspectos do funcionamento do sistema.

Contudo, além de centrar o trabalho nos depoimentos, procurei algumas informações paralelas sobre o processo de automação no jornalismo brasileiro, e obtive alguns dados sobre grande imprensa. O caso Folha pode estar defasado, especialmente devido a pobre bibliografia sobre o assunto, seja em livros ou periódicos.

Tentava, principalmente, não me perder em jargões técnicos e puxar dados inéditos. Por isso gelei quando soube, já na fase de redação do trabalho, que um outro trabalho havia sido desenvolvido por uma estudante da PUC de Porto Alegre. Felizmente, entrevistei-a e vi que não havia choque de tratamento entre os dois projetos. A monografia de conclusão de curso de Marisa Ribeiro chama-se "O uso do computador na edição de jornal", e traz históricos sobre computação, glóssários sobre o assunto, implantação de tecnologias em alguns jornais (inclusive o Diário) e as expectativas dos empresários e diretores. Sua monografia, orientada por Antonio Holdfeldt, está arquivada no Departamento de Jornalismo da Faculdade dos Meios de Comunicação (Famecos) da PUC.

Por se tratar de uma reportagem ainda não editada, devo dar aqui algumas explicações sobre o material visual, que seria incluído se fotos suficientes houvesse. Uma foto passível de edição seria uma geral da redação do Diário e outra convencional. Poderiam ser utilizados retratos (bonecos) dos entrevistados com participação mais expressiva. Para dar maior riqueza visual, poderia ser criado um selinho sobre automação, talvez um pequeno terminal de vídeo estilizado, que seria incluído em cada retranca, cujo início seria capitalizado. Fica como sugestão para possível futura edição do material. Entretanto, como essa não é a realidade, o material escrito foi priorizado ao invés de elementos visuais.

Uma última sugestão: esse material é bem restrito e só poderia ser publicado em órgãos especializados, voltados para jornalistas. Jornais de sindicatos, de cursos de comunicação, por exemplo. Pelas suas características de grande reportagem, creio que seria adequado a uma revista, como a Revista de Comunicação, (a da COca-Cola), que circula pelos cursos de comunicação. Seria, a meu ver, o veículo mais adequado.